



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS V
LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

CLEANE MELO NEVES

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ROMANCE *ON THE ROAD*: RELATOS DO
MOVIMENTO BEAT NA DÉCADA DE 1950

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

2022



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS V
LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

CLEANE MELO NEVES

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ROMANCE *ON THE ROAD*: RELATOS DO
MOVIMENTO BEAT NA DÉCADA DE 1950

Monografia apresentada ao Curso de Letras:
Língua Inglesa e Literaturas do Departamento
de Ciências Humanas do *Campus V* da
Universidade do Estado da Bahia, como
Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr. Adelino Pereira dos
Santos

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

N518u

Neves, Cleane Melo

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ROMANCE ON THE ROAD:
RELATOS DO MOVIMENTO BEAT NA DÉCADA DE 1950 / Cleane
Melo Neves. - Santo Antônio de Jesus, 2023.

36 fls.

Orientador(a): Adelino Pereira dos Santos.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Inglesa e Respectives
Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de
Ciências Humanas. Campus V. 2023.

1.Literatura. 2.Estados Unidos da América. 3.Movimento Beat.
4.On The Road. 5.Juventude.

CDD: 818

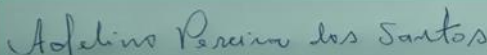
TERMO DE APROVAÇÃO

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ROMANCE *ON THE ROAD*: RELATOS DO MOVIMENTO BEAT NA DÉCADA DE 1950

Monografia apresentada ao Curso de Letras: Língua Inglesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas do *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovada em 19/12/2022

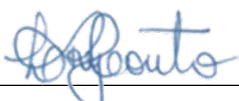
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Adelino P. dos Santos – Professor Orientador
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Profª. Dra. Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Profª. Me. Lêda Regina de Jesus Couto
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Santo Antônio de Jesus, Bahia, 19 de dezembro de 2022

Dedico a todos aqueles que contribuíram para a realização deste sonho, sobretudo, meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, por ter chegado até aqui, pois, sem a ajuda d'Ele, eu não iria conseguir

Em segundo, agradeço à minha mãe Cleusa Neves, ao meu pai Fernando Neves (in memória), à minha filha Elise Neves e ao meu esposo Denison Ribeiro, por não terem desistido de mim, durante muitos e muitos anos, abdicaram dos seus sonhos, para que os meus pudessem ser realizados.

Agradeço também, ao meu amigo, Alexsandro Conceição, você foi o meu fiel companheiro durante as manhãs, tardes. Ao seu lado, consegui vencer inúmeras barreiras e dificuldades no estudo, como também aprendi o valor de uma amizade que dá sem nada esperar, nem muito menos cobrar. A ti a minha eterna gratidão...

Agradeço também aos outros anjos que a faculdade me presenteou, Rayne Souza, Rosalia Sena e Wanderlene Alves, por todas as vezes que me estenderam as mãos, ajudando-me nos momentos mais difíceis e turbulentos. Jamais as esquecerei... Com vocês, aprendi que quando se gosta de verdade, as diferenças tornam-se invisíveis aos olhos e aos corações.

Externo também meus agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Adelino P. dos Santos, um ser humano ímpar, que com tanta sabedoria, humildade e amor à profissão, conduziu-me até aqui, o meu muito obrigada!

Aos mestres do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, o meu extenso agradecimento, pois vocês, cada um com a sua particularidade, contribuíram para o meu crescimento individual, profissional e intelectual.

Aos colegas, pela companhia e por juntos superarmos todas as dificuldades até aqui.

Por fim, a todos aqueles que de modo direto ou indireto contribuíram e para a realização deste sonho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS ESTADOS UNIDOS EM 1950 E O SURGIMENTO DO MOVIMENTO BEAT.....	12
2.1 O MOVIMENTO BEAT E RELAÇÃO COM A LITERATURA	14
2.2 A REPRESENTAÇÃO DOS JOVENS NO ROMANCE.....	16
3 ON THE ROAD: SINGULARIDADE E INFLUÊNCIA NA CRIAÇÃO DO MOVIMENTO BEAT	18
3.1 ANÁLISE DO ROMANCE ON THE ROAD EM INTERRELAÇÃO COM O MOVIMENTO BEAT	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE.....	35
APÊNDICE A – TRADUÇÃO DAS CITAÇÕES DO LIVRO <i>ON THE ROAD</i> UTILIZADAS AO LONGO DO TEXTO MONOGRÁFICO	33

RESUMO

O trabalho de pesquisa que deu origem a esta monografia teve como objetivo estudar o romance *On the Road: pé na estrada*, de Jack Kerouac (2007). Nos Estados Unidos da década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, iniciou-se o período de crescimento econômico, que representou a busca de liberdade para a juventude. As partes mais ricas da população dos EUA começaram a se estabelecer nos subúrbios das grandes cidades e a consumir bens duráveis em uma escala muito maior do que costumavam. Nesse cenário, emergiram movimentos de contestação, protagonizados por indivíduos que faziam parte das classes menos favorecidas que permaneceram nos grandes centros urbanos. Dentre eles, podemos identificar o movimento conhecido como Movimento Beat. Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa apresentada nesta monografia é compreender quais elementos do romance o tornam singular, a ponto de ser atribuída a ele a influência sobre o Movimento Beat, bem como, ser uma influência relevante na sua criação. Como procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa no intuito de analisar e discutir sobre a influência que o livro *On the Road* pode ter tido em relação à criação do Movimento Beat. Sendo assim, abordamos os principais fatores sobre a vida de Jack Kerouac, que foi nomeado como o pai do movimento Beat, o que foi a escrita Beat e a relação que Jack Kerouac teve com os outros influenciadores desse movimento, seus amigos Allen Ginsberg e William Burroughs. Em seguida, apresentamos o contexto histórico dos Estados Unidos e o surgimento do Movimento Beat na década de 1950, a escrita Beat e a relação com a literatura e como os jovens foram representados no livro *On the Road*. E por fim, foram realizadas análises e discussões sobre o livro *On the Road*, de Jack Kerouac, e sua interrelação com o Movimento Beat.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude norte-americana da década de 1950. Movimento Beat.
Romance *On the Road*

ABSTRACT

The research work that gave rise to this monograph aimed to study the novel *On the Road*: Pé na Estrada, by Jack Kerouac (2007). In the United States in the 1950s, after World War II, the period of economic growth began, which represented the search for freedom for youth. Wealthier parts of the US population tried to settle in the suburbs of big cities and consume durable goods on a much larger scale than they used to. In this scenario, protest movements emerged, led by individuals who were part of the less favored classes who remained in large urban centers. Among them, we can identify the movement known as the Beat Movement. In this perspective, the objective of the research presented in this monograph is to understand which elements of the novel make it unique, to the point of being attributed to it the influence on the Beat Movement, as well as being a relevant influence in its creation. As methodological procedures, a qualitative research was carried out in order to analyze and discuss the influence that the book *On the Road* may have had in relation to the creation of the Beat Movement. Therefore, we approach the main factors about the life of Jack Kerouac, who was baptized as the father of the Beat movement, what was Beat writing and the relationship that Jack Kerouac had with the other influencers of this movement, his friends Allen Ginsberg and William Burroughs. Then, we present the historical context of the United States and the inherent Beat Movement in the 1950s, Beat writing and its relationship with literature and how young people were represented in the book *On the Road*. And finally, the book *On the Road*, by Jack Kerouac, and its interrelationship with the Beat Movement were analyzed and discussed.

KEYWORDS: American youth of the 1950s. Beat movement. Romance *On The Road*

1 INTRODUÇÃO

O que motivou este trabalho foi tentar compreender os diferentes efeitos da obra *On the Road*, de Jack Kerouac, sob seus leitores, a ponto de atribuírem ao livro o poder de influenciar os jovens na criação do *Movimento Beat*.

O *Movimento Beat*, que representou uma forma de liberdade para os jovens, teve seu auge na década de 1950, foi um movimento muito importante, uma vez que apresentava a autonomia de expressão da juventude, e era uma confiança que todos estavam procurando, em razão de que Kerouac representava, através do livro, uma perspectiva de vida nova sem regras, em uma sociedade em que as memórias ainda remetiam ao caos do pós-guerra.

Os membros do chamado *Movimento Beat* tinham um modelo de vida baseado na leitura do romance *On the Road*. Segundo alguns autores, é de grande importância que se faça uma leitura no livro de Willer (2009), *Geração Beat* (1950), antes de fazer qualquer pesquisa sobre o *Movimento Beat*. Segundo Willer (2009), o *beat* foi um movimento literário inovador em sua proposta, contestador das normas de vida aceitas, multiculturalista em seu grupo, inaugurando uma relação entre arte e vida, literatura e sociedade. Willer elege Jack Kerouac como aquele que iniciou o *Movimento Beat* através de sua obra literária *On the Road*.

O termo *Beat*, segundo Willer (2009), seria usado para definir esse Movimento a partir de uma conversa entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes, em 1948, em que Kerouac definia a sua geração e de seus companheiros como *The beat generation*. *On the Road* é um romance escrito por Jack Kerouac, onde ele narra suas experiências de viagem ao lado de seus amigos, e o desenrolar do livro descreve as viagens que Kerouac teria feito através dos Estados Unidos e dos acontecimentos que ele vivenciou.

A forma adquirida pelos textos de Kerouac era de criar a cena que ele próprio queria construir sobre si mesmo, para o público leitor. Essa figura era de um comportamento desregrado, uma imagem de jovens contestadores e rebeldes que iam contra todos os padrões estabelecidos na época e isso chamava a atenção dos jovens leitores.

Como lembra Willer, foi “uma revolução na linguagem e nos valores literários que se transformou em rebelião coletiva, na série de acontecimentos revolucionários que foi o ciclo da *Geração Beat* na década de 50” (2009, p.7). Assim, pode-se dizer que sua influência tenha começado pelo romance, e seus efeitos e intenções foram a transformação na vida dos jovens.

O estilo *beat* inovou quebrando as normas de uma época de 1950, fazendo assim com que o livro fosse bem recebido pelo público e pela crítica. *On the Road* pode ter influenciado a

forma de pensar e agir de toda uma geração jovem que estava se formando nos EUA da década de 1950, abalando os conceitos e a realidade que até então rodeavam tal sociedade. Por isso, tem-se a ideia de que *On the Road* influenciou a sociedade, contribuindo para mudanças de valores e comportamentos.

A citada obra atraiu grande número de leitores, tornando-se um livro de grande repercussão crítica, retratado posteriormente em diversos materiais e contextos, como livros, revistas, obra cinematográfica, que serviram de inspiração para milhares de pessoas, importante para que seu discurso se propagasse.

Diante de grandes discursos de outros autores sobre a enorme veiculação da afirmação de que o livro influenciou uma geração de jovens a seguir o estilo de vida apresentado na obra, foi criada a ideia de que *On the Road* iniciou o *Movimento Beat*, atribuído aos jovens de Nova York na década de 1950, tendo o livro como influência sob seus leitores.

On the Road demonstrou para o mundo aquilo que ficou conhecido como a *geração beatnik* e fez com que Kerouac se transformasse em um dos mais controversos e famosos escritores de seu tempo. Essa obra, ao que parece, exerceu grande influência ao ponto de os jovens questionarem o estilo de vida que tinham até o início da década de 1950.

Nessa perspectiva, o trabalho de pesquisa possibilitou a escrita da monografia, bem como facilitou entender como são construídos o imaginário dos jovens de uma época a partir da obra literária de um autor do *Movimento Beat*, o romance *On the Road*. A presente pesquisa tem como objetivo compreender quais elementos do romance *On the road: pé na estrada* (KEROUAC, 2007) o tornam singular, a ponto de ser atribuída a ele a influência sob o *Movimento Beat*, bem como, ser o responsável direto por sua criação.

Dessa forma, a presente monografia foi desenvolvida em dois capítulos, além da introdução e considerações finais. O primeiro capítulo apresenta uma revisão bibliográfica referente ao *Movimento Beat*. Para tanto, foram realizadas pesquisas na internet, revistas eletrônicas, livros, vídeos e obras cinematográficas, de obras de estudiosos, jornalistas e historiadores sobre o tema, de modo a enaltecer os conceitos que nortearam a pesquisa que apresento nesta monografia. Assim, buscou-se compreender os elementos e características da obra que gira em torno do *Movimento Beat*.

Por fim, o último capítulo discute como a obra literária *On the Road* foi a porta de entrada para o *Movimento Beat*, com um conteúdo de manifestações críticas e contestatórias que construiu imaginários de toda uma época a partir de um estilo literário baseado no relato de experiências vividas.

2 OS ESTADOS UNIDOS EM 1950 E O SURGIMENTO DO MOVIMENTO BEAT

Os Estados Unidos na década de 1950 estavam em transformação com a modernidade e a cultura, sendo que teve como principal alvo os jovens americanos. Segundo Karnal (2007, p. 231) “[...] debaixo da superfície, porém, a sociedade afluenta dos anos 1950 testemunhou contradições e desafios marcantes”. Contradições que fizeram com que os jovens começassem a refletir sobre a realidade que estavam vivendo e a buscarem por liberdade.

Esse período torna-se para os Estados Unidos um momento muito importante, pois os americanos começam a viver um grande ápice com a melhora da economia, com crescimento de bens de consumo, infraestrutura e ascensão social. Com essa nova perspectiva de vida, nasce nos Estados Unidos uma nova classe média que deveria servir de modelo perfeito não só para os americanos menos favorecidos como também para o restante do planeta, que num momento de pós-guerra queriam ser e ter a vida ideal que se tornou comum ao povo americano.

Após o período da guerra, tornou-se possível a percepção de uma significativa mudança nos Estados Unidos, tal mudança (que havia ocorrido em um determinado grupo de indivíduos do país – os Estados Unidos da América) despertou o desejo de toda população para a busca por melhores condições de vida, que podem ser descritas através da calma e prosperidade na vida dos cidadãos.

No período pós-guerra, quando tudo parecia bem, notavam-se os contrastes gritantes na sociedade, percebiam-se os conflitos preocupantes, levando a movimentos de apoio às lutas pelos direitos civis e contra o racismo. Novos ideais e novas liberdades foram refletidos não apenas em jovens plebeus, mas também em ícones como os *Beatles*.

Esses movimentos, uniram-se contra a sociedade norte-americana numa tentativa de quebrar o paradigma de modelo de vida ideal, enquanto a realidade de vida da maioria dos americanos era completamente diferente, fazendo com que houvesse uma revolução geral entre os jovens americanos e a cultura vigente.

Dessa forma, os conflitos intergeracionais começaram a emergir, assim o poder da juventude ganhou espaço. Os jovens não estão mais dispostos a aceitar padrões e hábitos socialmente impostos e querem romper com esse consumismo crescente. Surgiu então uma cultura amplamente defendida por jovens que buscavam a liberdade e quebravam os padrões aceitos pelas gerações anteriores.

Os jovens tinham uma percepção de mundo muito diferente da dos adultos, o que fez com que questionassem a realidade vivida nos Estados Unidos na época (1956) e se

transformaram em peças-chave para produzirem mudanças significativas na sociedade, alterações essas que tornaram essa parcela jovem da sociedade visível e forte em busca de uma sociedade com novos ideais, novas culturas assim colocando um fim no conformismo dos americanos que viviam na desilusão do momento pós-guerra.

De acordo com Pereira (1992), a sociedade americana testemunhava um novo ciclo com as mobilizações dos jovens que eram contra o conformismo, que contestavam as regras decadentes e lutavam contra o preconceito. Esse movimento jovem, com novos ideais, que lutava contra uma sociedade precária ganhou força e importância na década de 1950 e 1960 surgindo assim o *Movimento Beat*. Pereira (1992, p.8) coloca que “Falava-se no surgimento de uma nova consciência, uma nova era, enfim, de novos tempos”.

Gradualmente, os meios de comunicação de massa começaram a transmitir um novo termo: contracultura. Inicialmente, o fenômeno se caracterizou por seus sinais mais visíveis: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, algum tipo de música, drogas, etc. No entanto, logo ficou claro que esse novo conjunto de expressões culturais não estava limitado a essas marcas superficiais. Pelo contrário, significa também uma nova forma de pensar, uma forma diferente de olhar o mundo. Em suma, outro universo de significado e valor, com suas próprias regras.

Esse momento marca uma nova História na vida da população estadunidense, pois é um recomeço para as famílias tradicionais e principalmente os jovens, que queriam uma perspectiva de vida diferente da que tinham até então. Surgindo o chamado *Movimento Beat*, que veio exatamente como para tentar acabar com as regras ultrapassadas, trazendo um modelo de vida transformador, livre e com ideais.

Um movimento que ganhou força não só nos Estados Unidos, mas também em outras partes do mundo, essa mudança avassaladora, revolucionária e libertária que pregava como tema a liberdade, o desapego e espiritualidade lutando contra os padrões da sociedade e pregando a transformação do comportamento vigente na década de 1950, tomando proporções de influência ao nível global.

Para Willer (2010), o *Beat* “[...] adotava a liberdade como princípio fundamental: se esta não fosse respeitada, nenhuma transformação da base econômica seria válida”. Esses jovens não eram taxados como rebeldes, eram chamados de revolucionários que lutavam com passividade em busca de prosperidade e tinham como foco conquistar a liberdade e resolver os conflitos que a época ditava, como: os preconceitos sociais, a homofobia, o racismo. Lutando para que a sociedade tivesse uma vida igualitária.

Adelman (2009, p.37) relata que os jovens buscavam distância do “[...]autoritarismo imposto ou aceito por gerações anteriores”, dessa forma, começaram a questionar e fazer prática do que pensavam, foram em busca de mudanças, formando grupos que tinham as mesmas ideias contrárias ao que era imposto na sociedade, assim, a visão que tinham de mundo foi expandida, a ponto de criar novos caminhos, e ganhar não apenas a aceitação nos Estados Unidos, como também em outras partes do mundo.

A afirmação de Karnal (2007, p. 233), de que “Ao mesmo tempo, em que eram tratados como subordinados, muitas mulheres, trabalhadores e jovens eram encorajados a abraçar ideias de igualdade e liberdade”, mostra que as pessoas começaram a querer mudanças, bem como questionar a ideia de que deveriam continuar a seguir o modelo de vida que tinham. Assim, era tido como ideal, buscando por transformação e conquistas de novos espaços, incluindo aí nesse novo direito à liberdade e igualdade de todos. O jovem foi o foco principal dessas questões que embasavam a luta pela diferença, pela mudança de vida que ocorria nos Estados Unidos.

De acordo com Moretoni (2020), o *Movimento Beat* não deve ser considerado apenas como uma rebelião de jovens contra a sociedade, mas, um fenômeno histórico cuja importância foi propagada posteriormente. O estilo de vida e as atitudes aderidas pelos jovens da década de 1950 influenciaram de uma maneira tão estrondosa as gerações seguintes, que chegou até os *hippies* da década seguinte.

Os *beats* já apreciavam largamente suas trajetórias, a expansão da sexualidade, as relações inter-raciais e o uso intensivo de drogas alucinógenas como a maconha, o *peyote*¹ e o álcool. Assim, ainda segundo Moretoni (2020), a *Geração Beat* transformou a expressão da juventude na década de 1950 em um movimento cultural que moldaria a futura transformação da sociedade norte-americana.

2.1 O MOVIMENTO BEAT E A RELAÇÃO COM A LITERATURA

O termo *Beat* surgiu em uma conversa entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes em 1948, segundo Willer (2010), citado nessa conversa como uma forma de definir a geração de sua época, que incluía não só a si como também seus companheiros que eram chamados *The beat generation*. Willer (2010, p.9) diz ainda que o termo *beat* “[...] pode ser associado à beatitude, palavra do repertório de Kerouac, que, em entrevista de 1959, deu esta interpretação

¹O Peyote (*Lophophora Williamsii*) é um pequeno cacto redondo (menos de 12 cm no diâmetro), uma planta de poder utilizada pelos nativos do México e EUA.

ao termo para contrapor-se a seu sentido mais derrotista”. Ora, podemos observar que Willer oferece caminhos para a interpretação do significado da palavra *beat*, sem, no entanto, afirmar algum como correto.

Na literatura, o termo Beat foi inovador, inovação essa que transformou a escrita em uma nova realidade, contestando as normas existentes aceitas pela sociedade da época. A literatura transformou o que Willer (2010, p.26) defende em “uma nova relação entre arte e vida, literatura e sociedade”, pois escreveram transcrevendo a fala; reciprocamente, falavam o que escreveram.

Os autores da fase da literatura *beat* viviam com profundidade as aventuras em suas vidas, escrevendo suas experiências pessoais, a fim de transformar a escrita e trazer um novo formato de literatura, sendo assim considerados como intelectuais que transformaram a literatura e não como meros escritores vagabundos e iletrados, pois traziam para seus romances as histórias de suas vidas.

Conforme Willer (2010, p.52): “Os *beats* chegaram a ser acusados de iletrados. Na verdade, são um exemplo de crença extrema na literatura, atribuindo-lhe valor mágico, como modelo de vida e fonte de acontecimentos”. No entanto, embora Willer (2009) tenha assumido o caráter contestador do *Movimento Beat*, ele procura vê-lo mais como um movimento literário do que como um movimento social que visa à difusão de um determinado estilo de vida, ou seja, a noção de contestação oferecida por essa perspectiva vem da quebra de paradigmas literários vigentes (tanto na forma quanto no conteúdo). Logo, a visão de mudança social ativa, fora do âmbito literário, acaba sendo deixada de lado, sendo muitas vezes esquecida.

Através da literatura os *beats* puderam mostrar a realidade que almejavam, passando para a escrita o que viviam, seja através da cultura presente no seu dia a dia, ou até mesmo histórias das suas experiências pessoais e que de alguma maneira trazia tranquilidade de espírito, pois, através da literatura conseguiam refletir em outras pessoas fatores que até então eram tidos como ilegais, fatores como a busca pela liberdade, a quebra do modo de vida moral, alienado eticamente e assumido pelas gerações anteriores que pertenciam aos Estados Unidos naquela época (1957).

Os *beats* viviam de uma forma natural e livre, transformando em escrita o que praticavam, “[...] a literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação.” (MOISÉS, 1977, p.14). O *movimento Beat* além de ser um movimento social, é também um movimento literário muito importante para a sociedade, já que, as obras que deram início ao movimento possuem uma dimensão com a realidade muito grande, ligada à

experiência que o autor teve em sua vida e ao que propunha no momento de sua produção ao longo da escrita.

Kerouac (1957) inovou a literatura americana, sua forma única de escrever, a espontaneidade de suas principais obras e o grande sucesso. Tal fato é perceptível porque:

empenhou-se em forjar uma nova prosódia, capturando a sonoridade das ruas, das planícies e das estradas dos EUA, disposto a libertar a literatura norte-americana de determinadas amarras acadêmicas e de um certo servilismo a fórmulas europeias (Kerouac, 1957, p.11).

Kerouac ajudou a moldar a escrita literária, transcendendo a relevância do campo da literatura livre e da arte, e se consolidou como norma cultural da sociedade contemporânea. Toda a história envolta de *On the Road* fez com que a singularidade do livro não fosse apenas para uma geração, mas para várias. O autor traz em sua obra uma escrita marcada pelo som que introduzia à prosa, cheia de vogais, produzindo uma rima insidiosa. Sua versão original foi escrita num rolo de papel telex, com quarenta metros sem interrupção de escrita por parágrafos, espaços ou vírgulas.

2.2 REPRESENTAÇÃO DOS JOVENS NO ROMANCE

Sem dúvida, um fator importante a ser considerado no conceito e movimento que trabalhamos aqui é o conceito de juventude. Existem vários autores que estudaram o papel da juventude no desenvolvimento dos movimentos sociais, especialmente na segunda metade do século XX, por isso tentamos trazer para a discussão a presença da juventude na *geração beat* e na contracultura a partir de um referencial teórico.

Pierre Bourdieu (1983) defende que a juventude é um conceito oposto ao conceito de velhice, ambos "não são dados, mas construídos socialmente na luta entre juventude e velhice". Além disso, referir-se aos jovens como uma unidade social, como "um grupo constituinte com um interesse comum [...] é claramente uma manipulação" (Bourdieu, 1983, p. 2). Portanto, não podemos ver a juventude como um grupo fechado e predefinido.

Assim como Bourdieu (1983), Miriam Adelman (2009) também lembrou a importância da categoria jovem para o desenvolvimento dos movimentos sociais do pós-guerra. Para Adelman (2009), as mudanças ocorridas no pós-guerra nos Estados Unidos criaram o que se poderia chamar de cultura jovem, não uma cultura compartilhada por todos os jovens, mas uma cultura à qual os jovens essencialmente aderem.

Por meio dessas mudanças e do surgimento de uma nova cultura juvenil, é possível que haja o distanciamento do autoritarismo imposto ou aceito pelas gerações anteriores e proporcionar-lhes uma nova forma de pensar a identidade. (ADELMAN, 2009)

Como lembram Antônio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte (2004, p. 7), “a miríade de movimentos de mudança social que surgiram nas últimas décadas, radicais ou utópicos, tiveram os jovens como suas principais vozes”. Os jovens já estavam cansados de viver numa sociedade cheia de normas e começaram a buscar por liberdade e transformação dando início aos movimentos sociais como o por exemplo o *movimento beat*.

O livro *On the Road* em toda a narrativa, apresenta-nos alguns personagens. Sal Paradise (*alter ego* do escritor), é representado com um artista, que tem anseio pela escrita e adora aventurar-se nela. Sal Paradise é, ainda, o narrador da trama. Ele se aventura na estrada, pegando carona com caminhoneiros e, a partir disto, descobre a possibilidade de se aventurar na sua vida, adquirindo experiências das quais não havia experimentado antes.

Sal Paradise, se opõe as regras sociais, geralmente, estas que restringem a sua liberdade, de viver e de pensar (principalmente porque, vivia-se em uma sociedade capitalista, assim o trabalho e o dinheiro eram fundamentos a serem alcançados por qualquer indivíduo).

O narrador, ao contrário, busca viver uma vida sem luxos, simples, trabalhando de dia para conseguir ir a festas e bares durante a noite, experimentando sexo e drogas. Ele atravessa o país por oito vezes, sempre em busca de novas aventuras, romances e, na maioria das vezes, não possui um lugar para ficar e/ou trabalhar. Em sua primeira viagem, Sal Paradise, descreve as suas sensações por estar livre e longe de casa:

I woke up as the sun was reddening; and that was the one distinct time in my life, the strangest moment of all, when I didn't know who I was - I was far away from home, haunted and tired with travel, in a cheap hotel room I'd never seen, hearing the hiss of steam outside, and the creak of the old wood of the hotel, and footsteps upstairs, and all the sad sounds, and I looked at the cracked high ceiling and really didn't know who I was for about fifteen strange seconds. I wasn't scared; I was just somebody else, some stranger, and my whole life was a haunted life, the life of a ghost (KEROUAC, 2007, p.12)

Dean Moriarty é o personagem herói do livro (em realidade, o autor objetivou representar com este personagem, o seu amigo Neal Cassady). Sal Paradise escreve a primeira vez que conheceu Dean, o descrevendo e analisando-o como sendo o amigo perfeito para uma viagem sobre rodas.

I first met Dean not long after my wife and I split up. I had just gotten over a serious illness that I won't bother to talk about, except that it had something to do with the miserably weary split-up and my feeling that everything was dead. With the coming of Dean Moriarty began the part of my life you could call my life on the road. Before that I'd often dreamed of going West to see the country, always vaguely planning and never taking off. Dean is the perfect guy for the road (KEROUAC. Jack, 2007, p. 4).

Dean Moriarty é uma figura enérgica, inspiradora e gananciosa por aventuras. É repleto de sentimentos e de muito bom humor. Além disto, Dean é descrito como um “moço maneiro, esguio, olhos azuis, com um sotaque típico de Oklahom” (Kerouac, 1957, p. 7). Ambos os personagens, em suas aventuras, se deparam com outras pessoas, principalmente mulheres, dentre as quais se destacam Marylou e Camille.

Segundo Brandão e Duarte (2004), os movimentos sociais do pós-guerra tinham duas características principais: eram liderados por jovens que começaram a manifestar sua insatisfação após a Segunda Guerra Mundial², quando passaram a se opor às sociedades conservadoras do tempo padrão, transformadas em bens, levou à sua assimilação na cultura dominante.

Para Débora Augustin, Gabriela Geara, Helena Kessler e Rosane Castro (2015) os jovens são o elo propulsor da mudança na sociedade por terem uma vida mais livre quando diz que:

A experiência dos jovens é o fator propulsor da dinâmica da sociedade. E, muitas vezes, é o canal de introdução de mudanças na sociedade. As pessoas que se encontram vivendo a sua juventude são aquelas que movimentam novas ideias no meio em que vivem. São os jovens que, por terem acesso às experiências dos seus antecessores e por terem a disponibilidade de uma vida inteira pela frente, podem aproveitar o conhecimento que existe sem o peso da responsabilidade sobre a construção feita do mesmo e, a partir dele, introduzir novidades no seu ambiente (AUGUSTIN, GEARA, KESSLER e CASTRO, 2015, texto online).

Assim, é o jovem, como o descendente, que se choca com o velho, portando instrumentos culturais capazes de questionar a ordem vigente e instituir a mudança social. É justamente a juventude que costuma quebrar tabus e impem mudanças comportamentais influenciando assim tanto as gerações mais velhas quanto as mais novas.

3 ON THE ROAD: SINGULARIDADE E INFLUÊNCIA NA CRIAÇÃO DO MOVIMENTO BEAT

²De acordo com Daniel Neves; a Segunda Guerra Mundial foi um conflito de escala global que aconteceu entre 1939 e 1945 e ficou marcada por eventos como o Holocausto e o uso de bombas atômicas.

Sabemos que após a Segunda Guerra Mundial, e principalmente das décadas de 1950 a 1970, os Estados Unidos vivenciaram um período de ampla prosperidade econômica, caracterizado pela produção robusta de bens de consumo duráveis, como automóveis, e investimentos em infraestrutura, como estradas, por exemplo. Teixeira (2008) diz que foi nessa época que surgiram os subúrbios nas cidades americanas, e o ideal da vida suburbana tornou-se o sonho da população de classe média.

Uma das marcas da vida suburbana foi o ideal de estabilidade que as famílias esperavam depois da guerra. Incapaz de pensar no futuro, as inseguranças criadas pela perspectiva de guerra deram lugar a um desejo de estabilidade, impulsionado não apenas pela ascensão econômica do país como se encontrava. Mesmo com a perspectiva de uma guerra nuclear que poderia eclodir a qualquer momento, tornou-se possível fazer planos que resistiam à perspectiva de ser, ou seja, uma previsão de perspectivas futuras. Portanto, houve a necessidade de uma vida regulada e estável, baseada em padrões religiosos e morais.

Também é válido destacar como exemplo de reflexão sobre a ameaça nuclear e seu impacto na formação do pensamento americano nesse período o documentário *Atomic Café* (1982), contando com o testemunho dos soldados que lançaram a bomba atômica no Japão até a ameaça iminente de um ataque nuclear depois que a União Soviética também conseguiu fazer uma bomba atômica.

A classe média foi transferida para a periferia das grandes cidades americanas, enquanto os centros urbanos se desvalorizaram, e tornando-se o lar dos excluídos da prosperidade em que vive a classe média. A vida suburbana é um modo de vida regular, com a estabilidade como o ideal e a busca da facilidade. Com isso, tanto a oferta quanto a compra de bens de consumo duráveis como eletrodomésticos (geladeiras e televisores sendo os mais procurados) e automóveis, os grandes sonhos de gastos das famílias suburbanas, um dos maiores símbolos de status e liberdade, aumentaram muito. Segundo Teixeira (2008), podemos dizer que, até certo ponto, o que toda família americana de classe média na década de 1950 queria era esse tipo de estabilidade baseada na vida, ir à igreja no domingo de manhã, ter um emprego estável, um bom salário, um carro grande e ser forte, uma casa grande e bonita no subúrbio, equipada com os mais diversos eletrodomésticos.

Não esqueçamos que o valor da família está muito presente e valorizado também aqui, "uma vida tranquila e ordenada (nessas famílias a mãe, o pai e dois ou três filhos cujas travessuras nunca os levam além das fronteiras) é a prova de que um existe uma sociedade

pacífica” (ADELMAN, 2009, p. 29). Assim, podemos compreender um pouco sobre como era o modo de vida americano, ou ao menos, como ocorria na década de 1950.

No entanto, nem todos estão incluídos neste sonho americano. Enquanto a classe média começa a adotar um estilo de vida suburbano, as famílias da classe baixa ainda estão alojadas nos centros das grandes cidades, lugares que contrastam com a beleza e o trabalho árduo dos subúrbios de classe média, cuja simplicidade muitas vezes atinge até a vida insalubre condições, que será chamado submundo. Realidades de prosperidade econômica e sonhos baseados em uma vida estável não atingem esse segmento da população.

Porém, no período das décadas de 1950 a 1970, esses dois segmentos da população americana tiveram diferentes interpretações desse ideal de estabilidade. Enquanto a classe média tentava desfrutar de todos os confortos que o dinheiro lhes oferecia, reprimindo a ansiedade nuclear comprando novos e brilhantes bens de consumo Goffman (2007), a classe baixa não tem a mesma opinião. A realidade da guerra não permitia planejar o futuro, pelo contrário, mostrava que a estabilidade da vida era impossível e poderia ser interrompida a qualquer momento. Além disso, essa parcela da população não tinha a base econômica, com o que a classe média gosta de estilo de vida.

De fato, a contradição entre essas visões sobre o ideal de estabilidade é mais pronunciada entre os jovens. Do ponto de vista da classe média, eles são aqueles que se pautam pelo estilo americano e começarão a procurá-lo a partir das práticas associadas a esse modo de vida, como encontrar empregos onde possam começar a construir seu futuro, e o ponto de vista da formação de uma família. Por outro lado, a juventude central que vive neste mundo subterrâneo muitas vezes tem uma visão de mundo diferente. Como a perspectiva do modo de vida americano não incluía esse grupo, esses ideais não eram o que eles buscavam. Então, a partir da década de 1940, surgiram alguns movimentos juvenis na América, como o movimento *hipster*, e depois o movimento *beat*, sem falar nos movimentos negros e feministas e na contracultura dos anos 1960.

Todas as características desse período podem ser vistas em suas próprias representações e nos ideais de vida que os autores trouxeram para seus textos. Os três livros analisados exibem até certo ponto esse caráter autobiográfico. Assim, embora tenha fornecido uma breve visão geral da América dos anos 1950 aos 1960, assim tentamos inserir esses personagens no contexto apresentado, vendo as relações entre os personagens apresentados como reflexo da própria prática de vida do autor.

3.1 ANÁLISE DO ROMANCE ON THE ROAD EM INTERRELAÇÃO COM O MOVIMENTO BEAT

Em julho de 1947, Jack, referido no romance como Sal Paradise, finalmente sai de casa, rumo ao Oeste. Sem muito dinheiro, ele se joga direto no mundo das caronas e, despreparado, logo no início da viagem, tem sua primeira frustração quando depois de levantar o dedo algumas vezes, descobre que o fato de uma estrada seguir direto em um mapa rodoviário, de um ponto extremo do país a outro, ele se dá conta que não significa que ela será o tempo todo estrada.

When we take the historical circumstances into consideration, we come to the realization that the outcasts depicted in *On the road* were a tribe of voluntary exiles, unlike Byronic heroes of Romanticism, rather than involuntary victims. For the Beats, to exile oneself signified an attempt to scape a normative lifestyle under a state capitalist society (A.T. KUO, 2012: 18).

Depois de chorar e praguejar, o sonho de atravessar o país pela Rota Seis é abortado, e ele decide que se não conseguisse chegar em Chicago na manhã seguinte no carro de outro carona, chegaria de ônibus. E assim começou a grande viagem de Sal em busca de Moriarty, para longe do lugar no qual vivia e da posição social que ocupava. De universitário a vagabundo de estrada.

Depois de algum sufoco, muitas horas esperando alguém parar o carro e muitas outras tentando fazer com que essa pessoa sinta que valeu a pena apanhá-lo, Sal Paradise chega em Des Moines. Em um quarto de pensão ao lado da oficina de locomotivas, depois de dormir um longo dia, ele tem um momento epifânico, seu primeiro vislumbre do outro que ele mesmo estava se tornando.

I woke up as the sun was reddening; and that was the one distinct time in my life, the strangest moment of all, when I didn't know who I was - I was far away from home, haunted and tired with travel, in a cheap hotel room I'd never seen, hearing the hiss of steam outside, and the creak of the old wood of the hotel, and footsteps upstairs, and all the sad sounds, and I looked at the cracked high ceiling and really didn't know who I was for about fifteen strange seconds. I wasn't scared; I was just somebody else, some stranger, and my whole life was a haunted life, the life of a ghost (KEROUAC, 2007, p.12)

É nesse momento que o narrador de *On the Road* pela primeira vez, percebe-se como alguém diferente de quando começou, um outro ser que não é mais aquele e que virá a ser outra coisa quando chegar ao Oeste. Sem medo desse eu em construção, desse estranho cuja vida antes da viagem era mal-assombrada, ele continuou se distanciando da Nova Iorque que conhecia, das pessoas que o rodeavam e do mundo ao qual fazia parte. Segundo John Urry, o próximo passo era se integrar aos outros peregrinos, e assim Sal Paradise o faz ao se juntar a

outro caroneiro (Eddie), que também é nova-iorquino, que está viajando para Denver atrás de uma garota e que teria, segundo o narrador, “me enchido o saco caso eu já não estivesse preparado para qualquer espécie de amizade humana” (KEROUAC, 2007, p. 139). O fato de ele estar aberto a conhecer pessoas já possibilita que ele aprenda com elas, que tenha uma relação de troca, uma troca que apenas viajantes podem proporcionar um ao outro porque, mesmo efêmera, é intensa.

A partir de então, mesmo que algo do mundo familiar de Sal Paradise também tenha lhe motivado a aceitar tal companhia (Eddie parecia o marido de sua prima, então era como se ele fosse um velho amigo), o fato de os dois passarem a viajar juntos, a pegar carona juntos, a beber cerveja juntos em um espaço de tempo muito pequeno possibilitou que eles passassem a conversar abertamente sobre diversos assuntos e a, conseqüentemente, contar suas vidas um para o outro. Juntos, eles também encontraram muitos outros viajantes, principalmente mais velhos, que fizeram quase a mesma coisa, em outros tempos, por diversos motivos e que, às vezes, na duração de uma carona, também se sentiram íntimos o suficiente para contarem um pouco de suas aventuras. Encontrar e saber que existem outros amantes da estrada já é o bastante para estabelecerem uma conexão instantânea, a alegria de estar em contato com alguém que entende o seu espírito livre e seus pés inquietos.

Depois de Grand Island e Preston, Eddie se separa de Sal que volta a seguir seu caminho sozinho, mas não por muito tempo. Em seguida, o jovem pega o que ele chamou de “a mais incrível carona da minha vida” (KEROUAC, 2007, p. 145). Em uma traseira de caminhão, com cinco homens em cima, também caroneando, e dois motoristas garotos agricultores do Minnesota que estavam parando para todos que esticavam o dedo, ele tem uma das mais intensas experiências de integração excursionista que poderia ter. Ali, ele encontrou a tal convivência comunitária citada por Romano (2013) para falar da segunda parte da esquematização feita por Urry:

I looked at the crew. There were two young North Dakota farmers in red baseball caps, . . . and they were heading toward the crops: their old man had let them out on the road all summer. There were two urban kids from Columbus, Ohio, football players on the varsity team, [...], and they said they were taking advantage of the summer to hitchhike around the United States. "We're going to LA!" shouted. "What are you going to do there?" "Fuck, we don't know. What difference does?" There was also a tall, thin guy whose name was Slim and who came from Montana, he said, and he had a furtive look in his eyes. "Where you are from?" I asked; [...]. He slowly turned around, opened his mouth and said, "Mon-ta-na." Finally, there was Mississippi Gene and his protege. Mississippi Gene was a scrawny dark guy who jumped on freight trains across the country, a 30-year-old hobo but young-looking so you couldn't tell for sure how old he was. [...] His protege was a tall, blond boy of sixteen, equally swathed in drifter's rags, which is to say they both wore shabby

clothes darkened by the soot of locomotives and the filth of freight cars and overnight stays. (KEROUAC, 2007, p. 146)

Durante esta carona, Sal Paradise pôde ouvir um pouco da história de cada um, dividir um trago, receber propostas tentadoras de mudança de rota e rir de piadas e brincadeiras, como quando Montana Slim perguntou se ele não achava que plantando as alpargatas do jovem não nasceria algo, ou quando Slim quis urinar com o caminhão andando e alguém chamou a atenção dos irmãos motoristas, que ziguezaguearam o veículo fazendo com que ele se molhasse todo. Além disso, Sal teve a oportunidade de experienciar a mágica dos viajantes fascinantes seja por que motivo for:

Gene was taking care of him, of his moods and his fears. I wondered where the hell they would go and what they would do. They had no cigarettes. I squandered my pack on them, I loved them so. They were grateful and gracious. They never asked, I kept offering (KEROUAC, 2007, p.20).

Nesta carona, Sal também pôde não só se integrar, fazer parte daquele grupo tão diverso, mas também de entrar em contato com essa diversidade de tipos americanos, o que desperta, e muito, seu interesse e sua curiosidade a respeito de cada um de seus companheiros (em especial, de Mississippi Gene e de seu protegido) e de todos os outros que poderia encontrar até chegar ao limite da América. Em Cheyenne, Paradise e Montana Slim se despedem da tripulação do caminhão. Depois de aproveitar a noite da cidade, eles dormem no chão da rodoviária. Pela manhã, quando Sal acorda, Slim já tinha ido embora, e ele, então, volta a caronear sozinho. Com sua última carona, há mais uma conexão, e eles conversam tão longa e ardentemente sobre seus projetos de vida, que quando Sal se dá conta, está em Denver. Finalmente, em Denver. E a única coisa que ele quer é saber onde anda Neal e o que está fazendo.

“Os dez dias seguintes foram como disse W.C. Fields 'Repletos de perigo iminente'...e loucos” (KEROUAC,2007, p. 164). Durante esse tempo, o narrador acaba se envolvendo na história complicada de Neal, que está transando com duas garotas ao mesmo tempo, Louanne (sua esposa), que quer o divórcio, e Carolyn, que uma mulher apaixonada e ciumenta, acha que só tem que dividí-lo com Allen Ginsberg, outro fascinado e dependente de Cassidy.

Paradise, então, passa dez dias tentando acompanhar tudo isso e manter o ritmo, mas não é possível. Durante sua estadia lá, Sal arruma tempo para viajar para uma cidade próxima, ir à ópera, fazer festa com outros amigos também viajantes e, alguns deles, escritores, como Ed White, Allan Temko e Beverly Burford, e se envolver com uma garota, mas essa acaba não sendo, exatamente, uma experiência tão boa quanto ele esperava. É aí que descobrimos que ele

também estava em busca de outra coisa. Ele queria algo diferente, queria amor.

She was a nice little girl, simple and true, and tremendously frightened of sex. I told her it was beautiful. I wanted to prove this to her. She let me prove it, but I was too impatient and proved nothing. She sighed in the dark. "What do you want out of life?" I asked, and I used to ask that all the time of girls." I don't know," she said. "Just wait on tables and try to get along." She yawned. I put my hand over her mouth and told her not to yawn. I tried to tell her how excited I was about life and the things we could do together; saying that, and planning to leave Denver in two days. She turned away wearily. We lay on our backs, looking at the ceiling and wondering what God had wrought when He made life so sad. We made vague plans to meet in Frisco. My moments in Denver were coming to an end, I could feel it when I walked her home, on the way back I stretched out on the grass of an old church with a bunch of hobos, and their talk made me want to get back on that road. Every now and then one would get up and hit a passer-by for a dime. They talked of harvests moving north. It was warm and soft. I wanted to go and get Rita again and tell her a lot more things, and really make love to her this time, and calm her fears about men. Boys and girls in America have such a sad time together; sophistication demands that they submit to sex immediately without proper preliminary talk. (KEROUAC, 2007, p. 36)

Apesar de o amor fazer parte da viagem, Sal pouco falou dele em seus livros, mas sempre lamentou sua banalização e como garotos e garotas da América viviam na eterna incompreensão um do outro. Depois dessa noite, Paradise sabe que chegou a hora de ir embora. A estrada chamava. Em pouco tempo, compra a passagem e segue sozinho para São Francisco, se dando conta de que, naqueles dez dias, não tinha conversado com Dean mais que cinco minutos, o real motivo pelo qual ele atravessou o país. Moriarty estava ocupado demais. Em Frisco (apelido de São Francisco), Sal mora com o amigo Henri Cru e sua namorada e arranja um emprego como guarda de alojamentos, pois precisa de dinheiro para continuar a viagem e para enviar à sua tia. Chegando ao ponto mais a oeste até então e se inserindo na rotina local, Sal vai deixando de ver São Francisco como a terra prometida e começa a se sentir solitário. Em seu último dia lá, escala uma montanha e revela suas outras visões da cidade e de si.

I started to see cottonwoods and eucalypti brooded on all sides. Near the peak there were no more trees, just rocks and grass. Cattle were grazing on the top of the coast. There was the Pacific, a few more foothills away, blue and vast and with a great wall of white advancing from the legendary potato patch where Frisco fogs are born. Another hour and it would come streaming through the Golden Gate to shroud the romantic city in white, and a young man would hold his girl by the hand and climb slowly up a long white sidewalk with a bottle of Tokay in his pocket. That was Frisco; and beautiful women standing in white

doorways, waiting for their men; and Coit Tower, and the Embarcadero, and Market Street, and the eleven teeming hills (KEROUAC, 2007, p. 48).

A cidade é romântica, mas, se sentindo solitário, ela, para Sal, se torna solitária também. Isso demonstra que o estado de espírito do viajante pode e, provavelmente, vai interferir na visão que ele tem de uma cidade. Quando sua alma deixa de ser forasteira e ele, em cima de uma montanha, percebe que não é nada além de um jovem em meio à vastidão de São Francisco, ele sabe que é hora de ir. Em sua leitura do romance de formação de Novalis, Willer (2010) reconhece o tema gnóstico das viagens iniciáticas, um tipo de experiência em que o deslocar-se sobre o mundo está diretamente ligado à busca de um conhecimento de si, um encontro do indivíduo com sua verdade íntima. Assim, ele se despede da cidade e parte para seu último destino na Califórnia. Novamente, na estrada, Sal Paradise viaja de carona por duas vezes e tendo insucesso na terceira tentativa de pedir carona, se dirige a rodoviária para comprar passagem para Los Angeles onde encontra uma linda garota mexicana e se apaixona por ela atrasando assim toda a sua viagem, como mostra Kerouac em:

I wished I was on her bus. Pain stabbed my heart, as it did whenever I saw a girl I loved heading in the opposite direction in this all-too-big world of ours. Loudspeakers called passengers to L.A. I picked up my bag and boarded; and who was sitting there alone but the Mexican girl. [...] I was so lonely, so sad, so tired, so startled, so broken, so devastated [...]. [...] “You have to, you have to or you will die! You stupid idiot talk to her! What is wrong with you? Aren't you tired of yourself by now?” And before I could realize what I was doing I leaned across the hall towards her [...]. (KEROUAC, 2007, p.49)

E aí o verdadeiro amor de viagem se apresenta a Sal Paradise, o amor passageiro, de algumas horas, de uma noite, de um dia ou alguns dias, mas intenso igual às amizades de estrada, aquele amor que, vivido ou não vivido, tem em si a certeza da dor de vê-lo seguindo na direção oposta muito em breve. Mesmo indeciso e sem coragem, Sal decide vivê-lo e é correspondido. Depois de alugar um quarto de hotel e ficar lá alguns dias com Beatrice, os dois decidem que irão juntos para Nova Iorque, mas, primeiro precisam ganhar dinheiro para saírem do lugar. Na selva que é Los Angeles, nenhum consegue emprego, então pegam um ônibus para *Bakersfield* na esperança de trabalharem colhendo uvas. Também falhando, os dois vão para Selma, cidade natal de Bea e onde sua família e seu filho moram, e os três vão morar na barraca de um *camping* e conseguem emprego colhendo algodão. No início, o jovem acha tudo encantador. Mais uma vez, participa intensamente da rotina de um lugar, mas assume um papel social diferente, se vê como pai de família e provedor, só que não estava treinado para colher algodão. Com toda a responsabilidade de formar um lar com alguém, Sal pragueja e pede “a

Deus por uma vida menos árdua e uma chance melhor de fazer algo por aquela gente que eu amava” (KEROUAC, 2007, p. 225). Cheio de afazeres, aos poucos, esquece de tudo que veio antes, novamente, como se aquela vida também fosse mal-assombrada.

Willer (2014, p.71) assinala em Kerouac uma influência direta dos textos platônicos, particularmente do Fédonµ “em Kerouac observa-se platonismo ao pé da letra, adotando categorias do filósofo, e não apenas genérico, como visão de mundo e crítica do real imediato”

Falando em *On the Road*, de Kerouac, é impossível não comparar as duas edições, por menores que sejam, o texto original e o texto posteriormente editado e publicado de 1956 aqui analisado. O conteúdo da autobiografia é observado no Original. O original mantém os nomes reais dos personagens, os equivalentes humanos que os personagens representam, e é mais fiel aos sentimentos de Kerouac durante a viagem, evitando, por exemplo, grande parte do Zen Budismo da época. Juntando-se alguns anos depois, ele foi muito ativo em *On the Road*, de 1956.

O título do livro *On the Road* por si só já demonstra a verdadeira intenção de Jack Kerouac: escrever sobre as viagens. Como lembra Willer (2009), a intenção de escrever sobre a estrada levou Kerouac a buscar a experiência da estrada na prática. Essa estrada seria para Kerouac, em *On the Road*, quase um local de transcendência espiritual, em que o destino em si importa menos do que o ato de viajar. Podemos compreender também essa visão da estrada como uma expressão da angústia do autor em não encontrar o que procurava quando chegava aos seus destinos. Kerouac não conseguiria se manter inerte, estável como pregava o ideal do *American Way of Life*, com uma família nuclear, moradia e trabalho fixos.

Segundo Gewirtz (2007) Kerouac experimentou uma epifania ao ler um texto budista na Biblioteca Pública de San Jose, o que faria sua vida mudar para sempre. Talvez por isso cada vez que chega a qualquer um de seus destinos, a necessidade de se mover novamente é mais forte, como um homem que está constantemente procurando um lugar que não existe, seu destino é procurar pelo resto do dia. Nesta visão da estrada, o próprio automóvel torna-se o elemento da liberdade, pois constituirá a forma pela qual a ligação entre o viajante e a liberdade que a estrada proporciona. Mesmo assim, Kerouac finalizou o livro com a esposa, deixando para trás seu inspirador Neil Cassady, que foi o responsável direto pelo desenrolar da trama na estrada, como se essa busca constante por um inexistente.

A amizade de que fala Willer (2009) em *Geração Beat* fica bem evidente no romance, do ponto de vista do conceito de homossexualidade, que se propõe a pensar estas em termos de relações sociais com pessoas do mesmo sexo. Segue-se que a relação de cooperação entre os

homens é muito profunda, inclusive compartilhando esposas como Neil Cassady e Jack Kerouac, enquanto a relação entre as mulheres é uma espécie de competição, por exemplo, quando a ex-mulher de Casar Dee, Luanne Henderson, concordou em se mudar para São Francisco com ele para zombar de sua atual esposa, Caroline Cassady.

Em relação aos padrões estéticos de caracterização, Kerouac se concentra mais nas características psicológicas do que nos atributos físicos. Na verdade, as características físicas são sempre apresentadas muito rapidamente em páginas muito curtas, e sempre com adjetivos genéricos e inespecíficos como alto, magro, magricela, bonito, feio, etc. A beleza de um personagem está em sua representação psicológica, em suas reflexões sobre determinadas questões e na coleta de histórias passadas na vida desses personagens, em que suas ações em determinadas situações contribuem para a criação literária. A construção do caráter, a formação do caráter. No entanto, esse tipo de construção de personagens que não leva em consideração seus atributos físicos acontece de forma diferente quando se trata de personagens femininas, pois as personagens femininas sempre descrevem mais atributos físicos.

Segundo Teixeira (2008, p.42) “a vida pacata e ordenada (as famílias domesticadas nas quais mamãe, papai e os dois ou três filhos cujas travessuras nunca os levaram muito além das fronteiras da obediência) era a prova da existência de uma sociedade pacífica”, com isso apresentação das mulheres geralmente segue dois padrões opostos: a mulher dominada, a dona de casa que vive de acordo com os ideais do *american way of life*, e o parceiro, cuja representação na companhia é apresentada como positiva entre seus parceiros masculinos,

Bassanezi (2004, p. 614) ainda diz que: “a moça que ainda não havia contraído o matrimônio nesta faixa etária, corria o risco de ser apontada pela sociedade como uma mulher encalhada, possivelmente ficaria para tia. Ao completar a idade de vinte e cinco anos, considerada uma solteirona, já era forte constrangimento”; e em elas eram rotuladas de vadias porque viviam o mesmo estilo de vida de seus ex-parceiros desde o momento em que as deixaram. Assim, mesmo entre os escritores *beat*, como o movimento negro e feminista, que as mulheres muitas vezes são vistas como o cerne da competição dos movimentos sociais, podemos observar uma característica de sua época: a dominação masculina.

No entanto, o fato de ele relatar as experiências de Kerouac e seus amigos, todas apropriadamente (e com razão) identificadas como girando em torno de um personagem próprio, facilita a interpretação na estrada como Autor do livro escreve sobre si mesmo. Vale lembrar que como a intenção do autor era escrever um romance, mesmo tendo como tema a

trajetória de sua vida, os fatos relatados não têm compromisso com a realidade que ele construiu sobre os acontecimentos.

Citando Michel Foucault (1992, p. 136) ao escrever sobre o eu: "Não é tanto a leitura de si, mas a abertura de si que uma pessoa dá à outra". Assim, o manuscrito de 1951 é o resultado de uma interpretação subjetiva de Jack Kerouac, o Viajante pelo escritor Jack Kerouac, mas vai um passo além. Mais importante ainda, é uma introdução a Kerouac e sua equipe e suas conquistas para os leitores. Assim, o autor começa a construir uma identidade que é passada para o outro, e uma vez que leu sua própria obra, o autor se torna o leitor, que consegue enxergar-se de fora, ou seja, tornando-se seu próprio público.

A partir dessa reflexão, possivelmente devido às ações do autor para se transformar em leitor, não podemos deixar de lembrar também de Pierre Bourdieu, que em *A ilusão biográfica* (1986) afirma que uma biografia é feita de elementos de uma vida passada, tem como base o sujeito que o executa. Vemos esse elemento quando Kerouac está na estrada, ele constrói relações entre episódios em diferentes momentos de sua vida, mas para ele, essas relações do que viveu, do que escreveu sobre ele próprio e do que leu, estão unidas por meio de um eixo temático que é para ele importante e significativo. Se outra pessoa contasse tal história, não seria necessariamente um relacionamento.

É por meio dessa narrativa que o autor começa a construir imagens dos vários personagens envolvidos: todo o seu *alter ego* e os indivíduos que ele percorre, construindo assim não retratos exatos, mas representações dos outros e de si mesmo, novamente, conforme definição de Foucault em *A escrita de Si* (1992, p. 130). Dito isso, as representações de si e dos outros (imagens criadas e exibidas por si mesmo, como diz Foucault) são diferentes.

Em outras palavras, os eventos narrados em *On the Road* não são o que realmente aconteceu, mas como Kerouac vê o que aconteceu, e talvez até a maneira como Kerouac vê o que deveria ter acontecido. São representações que ele cria para descrever os eventos que antecedem o próprio acontecimento, que, segundo Foucault (1992, p. 130), cria o acontecimento criando uma narrativa sobre ele.

Assim, através desta pesquisa foi possível compreender que a *Geração Beat* pode ser considerada a peça central nos movimentos contra culturais subsequentes. Deixando visível a insatisfação com a qual os jovens estavam vivendo, em um país (EUA) em pleno pós-guerra, em que o conservadorismo e o materialismo predominavam, estes três jovens e centenas de outros começaram a descobrir as vivências, vontades e a Arte da literatura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa apresentado nesta monografia teve como objetivo compreender o questionamento sobre o livro *On the Road* de Jack Kerouac ter tido grande influência na criação do *Movimento Beat* e ter mudado o estilo de vida de uma geração de jovens foi resolvido. Já que através da leitura do livro pode-se perceber que os jovens almejavam a liberdade descrita por Kerouac, liberdade essa revolucionária que trazia a transformação de uma sociedade consumista em uma sociedade mais individualista que almejava ter sua própria voz, seu próprio estilo e principalmente seu próprio ser.

Cabe destacar que as representações feitas por K erouac (2007) sugerem uma seleção mais ou menos intencional de certos elementos de um conjunto de fatores mais amplo realçar essa geografia. Elas são evidências que tanto a literatura quanto a geografia contribuem para o conhecimento de si e do outro, constituem-se reflexão do homem sobre seu estar no mundo e em sua relação com o mundo pela forma de se organizar.

On the Road possui uma narrativa veloz, instigando ao leitor a seguir Sal e Dean pela trilha vertiginosa, em pura exaltação, adentrando por geografias norte-americanas. Neste sentido, a literatura, como já foi dito, é considerada uma fonte de imaginação científica, de estímulo intelectual, capaz de despertar os desejos, de influenciar os gostos e disparar a ação. Ela dá uma visão particular do Mundo e revela a estrutura espaço-temporal da existência do homem.

K erouac, por meio de uma epopeia³ vivida ao volante do automóvel, lembra os espaços naturais ainda a serem ocupados ou engolidos pelas cidades e campos de plantações, as cidades pujantes e efervescentes (ANCTIL e. al., 1990). Os Estados Unidos estão em constante movimento. O movimento é uma instancia fundamental da produção e emergência do sentido do visto e vivido.

Por estar diretamente relacionada à vida da qual   imagem, uma descrição profunda, ou cinética, *On the road* traz questionamentos, abala verdades e instiga a ver que há um mundo lá fora. Um mundo de liberdade, onde o leitor é o dono de seu mundo e que pode mudar a vida e a sociedade em que está inserida.

Enfim tendo em vista a importância que representou o *Movimento Beat*, sendo consagrado como um movimento libertador para os jovens do pós-guerra, eles abriram a porta

³Segundo a autora Brandin: Epopeia   g nero literário de Homero, Virgílio e da principal obra de Camões, Os Lusitadas, a epopeia glorifica grandes feitos nacionais, misturando as formas lírica e narrativa.

para a contracultura. Então, com esta pesquisa foi possível constatar que Jack Kerouac pode ser considerado o pai do *Movimento Beat* ao ponto de influenciar toda uma geração de jovens, através da sua obra *On the road*, na busca pela liberdade, criando assim o *Movimento Beat*.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta**. Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher, 2009.
- ANCTIL, Pierre; DUPONT, Louis; FERLAND, Rémi; WADDELL, Eric. **Un Homme grand: Jack Kérouac à la confluence des cultures**. Ottawa: Carleton University Press, 1990.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres nos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BIVAR, Antônio. **Jack Kerouac: O Rei Dos Beatniks**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Encanto Radical).
- BOURDIEU, Pierre. "A juventude é apenas uma palavra". In Bourdieu: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANDINO, Luiza. "Epopéia"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/epopeia.htm>. Acesso em 04 de julho de 2022.
- BUENO, André; GOES, Fred. **O que é geração beat**. São Paulo: Brasilienses, 1984. (Coleção Primeiros Passos).
- BURROUGHS, William; GINSBERG, Allen (2008). **Cartas do Yage**. Tradução de Betina Becker. Porto Alegre, L&PM.
- COHN, Sergio (Org.). **Geração beat**. Tradução de Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- CORDEIRO, Emilio. **Quando o homem domina o tempo: a geração beatnik e a gênese de mitos modernos**. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao16/materia03/texto03.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2022.
- KARNAL, Leandro. et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.
- KEROUAC, Jack. **On the Road**. Pé na Estrada. Tradução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- Kuo, Adam Tyrsett: **A Comparative Study of Jack Kerouac and Ernest Hemingway as Representatives of their Respective Generations**. Oslo: University of Oslo (2012), p.p. 13-38
- FOUCAULT, Michel (2010^a). **Ética, Sexualidade, Política**. Manoel Barros da Motta(org.) Tradução Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, Forense.
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

MCCLURE, Michael. **A nova visão: de Blake aos beats**. Tradução de Daniel Bueno, Luiza Leite e Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

MORETTONI, Marina Marins. **A viagem na Geração Beat e a cultura estadunidense**. Nitéroí, 2020.

NUTTALL, Jeff. **Bomb Culture**. London, Eng: Paladin, 1971.

SILVA, Daniel Neves. "Segunda Guerra Mundial"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/segunda-guerra-mundial.htm>. Acesso em 30 de junho de 2022.

SMERTH, June. **O movimento beat e sua originalidade**. Disponível em <http://junesmerth.wordpress.com/tag/movimento-beat/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

TEIXEIRA, Heitor Duarte. **O outro lado do American Way Of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do séc. XX**. Universos de História. Rio de Janeiro, ano 1, vol. 1, 2008.

WILIAMS, William Carlos. Uivo para Carl Solomon. In: GINSBERG, Allen. **Uivo, Kadish e outros poemas**. / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

WILLER, Claudio. **Beat e tradição romântica**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. p. 29-47.

WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Coleção L&PM Pocket).

WILLER, Claudio. Introdução. In: GINSBERG, Allen. **Uivo, Kadish e outros poemas**. / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

WILLER, Claudio. Os poemas desta edição. In: GINSBERG, Allen. **Uivo, Kadish e outros poemas**. / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

WILLER, Claudio. **Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico** / Claudio Willer. – 1. Ed. - Porto Alegre, RS: LP&M, 2014.

WEBSITES

<https://www.wemystic.com.br/conheca-o-significado-de-satori-um-importante-termo-budista/>. Consultado em 28 de junho de 2022

Da Redação Atualizado em 31 out 2016, 18h27 - Publicado em 31 out 2008, 22h00
Leia mais em: <https://super.abril.com.br/historia/hassan-bin-sabbah-o-primeiro-terrorista-islamico/>. Consultado em 15 de junho de 2022

The Independent (em inglês). 16 de julho de 2013. Consultado em 18 de maio de 2022.
<https://www.independent.co.uk/life-style/fashion/features/meet-the-global-scenester-he-s-hip->

[he-s-cool-he-s-everywhere-894199.html](#)

APÊNCICE

APÊNDICE A – TRADUÇÃO DAS CITAÇÕES DO LIVRO *ON THE ROAD* UTILIZADAS AO LONGO DO TEXTO MONOGRÁFICO

Tradução 1:

Acordei com o sol rubro do fim de tarde; foi um dos momentos mais impressionantes de minha vida, o mais bizarro, pois simplesmente já não sabia mais quem era — estava a milhares de quilômetros de minha casa, temeroso e desgastado pela viagem, num quarto de hotel barato nunca antes avistado, ouvindo o silvo das locomotivas e o ranger das velhas madeiras do hotel, e passos anônimos que ressoavam no andar de cima, e todos aqueles sons melancólicos, e por quinze misteriosos segundos realmente já não sabia quem era. Não me apavorei; simplesmente eu me sentia como se fosse outra pessoa, um estranho a mim mesmo, e toda a minha existência fora apenas uma vida mal-assombrada, a vida vazia de um fantasma (KEROUAC. Jack, 2007, p. 12).

Tradução 2:

Encontrei Dean pela primeira vez pouco depois que minha mulher e eu nos separamos. Eu tinha acabado de me livrar de uma doença séria, da qual nem vale a pena falar, exceto que teve algo a ver com a maldita separação e com o meu sentimento de que tudo estava morto. Com a vinda de Dean Moriarty começa a parte de minha vida que pode ser chamada de vida na estrada. Antes disso, eu tinha sonhado muitas vezes em ir para o oeste conhecer o país, mas eram apenas planos vagos, e eu nunca partia de verdade. Dean é o cara perfeito para a estrada. (KEROUAC. Jack, 2007, p. 4)

Tradução 3:

Acordei com o sol rubro do fim de tarde; e aquele foi um momento marcante em minha vida, o mais bizarro de todos, quando não soube quem eu era... estava longe de casa assombrado e fatigado pela viagem, num quarto de hotel barato que nunca vira antes, ouvindo o silvo das locomotivas, e o ranger das velhas madeiras do hotel, e passos no andar de cima e todos aqueles sons melancólicos, e olhei para o teto rachado e por quinze estranhos segundos, realmente não soube quem eu era. Não fiquei apavorado, eu simplesmente era uma outra pessoa, um estranho, e toda a minha existência era uma vida mal-assombrada, a vida de um fantasma... eu estava na metade da América, na linha divisória entre o Leste da minha juventude e o Oeste do meu

futuro, e é provável que tenha sido exatamente por isso que tudo se passou bem ali naquele estranho entardecer avermelhado. (KEROUAC, 2007, p.12)

Tradução 4:

Olhei para a tripulação. Havia dois jovens lavradores da Dakota do Norte com bonés de beisebol vermelhos, [...], e eles iam em direção às colheitas: o velho deles os deixara cair na estrada o verão inteiro. Havia dois garotos urbanoídes, de Columbus, Ohio, jogadores de futebol no time da escola, [...], e disseram que estavam aproveitando o verão para viajar de carona pelos Estados Unidos. “A gente tá indo pra LA!” berraram. “O que vocês vão fazer lá?” “Porra, não sabemos. Que diferença faz?” Havia ainda um sujeito alto e magro cujo nome era Slim e que veio de Montana, disse ele, e tinha um olhar furtivo. “De onde você é?” perguntei; [...]. Ele se virou vagarosamente, abriu a boca e disse, “Mon-ta-na”. Por fim ali estavam também Mississippi Gene e o protegido dele. Mississippi Gene era um cara moreno e mirrado que saltava nos trens de carga por todo o país, um vagabundo de 30 anos mas com aparência jovem de modo que não dava pra dizer com certeza que idade tinha. [...] O protegido dele era um garoto alto e loiro, de dezesseis anos, igualmente envolto em trapos de andarilho, o que quer dizer que ambos vestiam roupas surradas escurecidas pela fuligem das locomotivas e pela imundície dos vagões de carga e pernoites ao relento. (KEROUAC, 2007, p. 146).

Tradução 5:

Gene estava cuidando dele, até mesmo de sua melancolia e de seus receios. Eu me perguntava onde é que eles iriam se meter e o que fariam. Não tinham nem cigarros. Eu esbanjava meu maço com eles, estava apaixonado por eles. Eram agradáveis e encantadores. Jamais pediam; Eu continuava oferecendo (KEROUAC, 2007, p.151).

Tradução 6:

Quando levamos em consideração essas circunstâncias históricas, chegamos à conclusão de que os párias retratados em Na estrada eram uma tribo de exilados voluntários, ao contrário dos heróis byronianos do romantismo, e não vítimas involuntárias. Para os Beats, exilar-se

significava uma tentativa de escapar de um estilo de vida normativo sob uma sociedade capitalista de estado (Kuo, Adam Tyrsett, 2012: 18).

Tradução 7:

Ela era uma garotinha simpática, simples e verdadeira, e tremendamente assustada com sexo. Eu disse a ela que era lindo. Eu queria provar isso para ela. Ela me deixou provar, mas eu estava muito impaciente e não provei nada. Ela suspirou no escuro. «O que você quer da vida?» Eu perguntei, e costumava perguntar isso o tempo todo para as garotas. "Eu não sei", disse ela. "Apenas espere nas mesas e tente se dar bem." Ela bocejou. Eu coloquei minha mão sobre sua boca e disse a ela para não bocejar. Tentei dizer a ela como estava animado com a vida e as coisas que poderíamos fazer juntos; dizendo isso e planejando deixar Denver em dois dias. Ela se virou cansada. Deitamos de costas, olhando para o teto e imaginando o que Deus havia feito quando tornou a vida tão triste. Fizemos planos vagos de nos encontrar em Frisco. Meus momentos em Denver estavam chegando ao fim, pude sentir quando a acompanhei para casa, na volta me estiquei no gramado de uma velha igreja com um bando de vagabundos, e seus conversa me fez querer voltar para aquele caminho. De vez em quando, um se levantava e batia em um transeunte pedindo por um centavo. Eles falaram de colheitas indo para o norte. Era quente e macio. Eu queria ir buscar Rita de novo e contar a ela muito mais coisas, e realmente fazer amor com ela desta vez, e acalmar seus medos sobre os homens. Meninos e meninas nos Estados Unidos passam momentos muito tristes juntos; a sofisticação exige que eles se submetam ao sexo imediatamente sem uma conversa preliminar adequada (KEROUAC, 2007, p. 36).

Tradução 8:

Lá estava o Pacífico, a poucos sopés de distância, azul e vasto e com uma grande muralha branca avançando da lendária mancha de batata onde nascem os nevoeiros de Frisco. Mais uma hora e ele viria fluindo pelo Golden Gate para cobrir a romântica cidade de branco, e um jovem seguraria sua garota pela mão e subiria lentamente por uma longa calçada branca com uma garrafa de Tokay no bolso. Esse era Frisco; e belas mulheres de pé nas portas brancas, esperando por seus homens; e Coit Tower, e o Embarcadero, e Market Street, e as onze colinas fervilhantes (KEROUAC, 2007, p. 48).

Tradução 9:

Eu queria estar no ônibus dela. A dor apunhalou meu coração, como acontecia sempre que eu via uma garota que eu amava indo na direção oposta neste nosso mundo tão grande. Altofalantes chamavam passageiros para L.A. Peguei minha mala e embarquei; e quem estava sentado lá sozinho, mas a menina mexicana. [...] eu estava tão sozinha, tão triste, tão cansada, tão assustada, tão quebrada, tão devastada [...]. [...] “Tem que fazer, tem que fazer ou vai morrer! Seu idiota estúpido, fale com ela! O que há de errado com você? Você não está cansado de si mesmo agora?” E antes que eu pudesse perceber o que estava fazendo, inclinei-me pelo corredor em direção a ela (KEROUAC, 2007, p.49).